

O *fait-divers* e a mestiçagem midiática

Victor Marques

Resumo

O presente artigo visa dar um panorama da inserção do *fait-divers* nas mídias impressas da América Latina (tendo São Paulo como ponto de partida) através da observação teórica, prática e literária difundida no continente.

1. Fato

Fait-divers é um termo francês que, literalmente, significa fato diverso, algo de menor importância, mas que, de qualquer maneira, merece estar nos jornais a título de curiosidade daqueles que o leem que geralmente tem como finalidade o riso ou apenas desviar a atenção de seu leitor em meio à suposta seriedade da mídia em questão. Sua construção se dá de forma contrária ao texto informativo, já que há um descompromisso com a austeridade esperada de notícias que influenciam no cotidiano e mesmo nas decisões do público consumidor do jornal.

Roland Barthes (2009) dedicou um texto à estrutura da notícia¹ e a opõe à ideia de *acontecimento*, ressaltando sua característica imanente; ele se completa em si, toda a informação necessária que o leitor precisa pode ser resumida, por vezes, em poucas linhas e que se desdobra de maneira estranha, sua estruturalidade é mais rígida uma vez que há a necessidade de ocorrer

¹ Referimo-nos, aqui, ao *fait-divers*, utilizamos o termo *notícia* por estar presente no título do ensaio do semiólogo francês. Leyla Perrone Moisés, tradutora da obra, alerta que a expressão não tem uma tradução exata para o português e, em função disso, decidimos manter o termo sem seu idioma original.

um fim em si, tornando-a diferente de um escândalo político, que funciona de maneira episódica. O autor observa uma dupla notação contida na noção de fait-divers que, a princípio, não possuem um conector lógico, funcionam como espécies de variações da notícia que a aproximam do inusitado ou do espantoso. Há, ainda, uma economia do discurso verbo-imagético em sua configuração, já que se trata de um fato menor, de uma vivência incomum da cidade e seus habitantes.

É notável a relação da mídia brasileira com a aparição de formas semelhantes na literatura e sua maneira de experienciar as vivências das cidades em seu pleno desenvolvimento tardio², a escritura de Oswald de Andrade, seja em *Pau Brasil*: “O canivete voou/ E o negro comprado na cadeia/ Estatelou de costas/ e bateu coa cabeça na pedra” (2003: 125), seja em suas memórias sentimentais: “Natal: minha sogra virou avó” (1978: 48), elucida muito bem tais relações entre o fato menor, a observação das cidades e seu relato. O que Haroldo de Campos (2010) chamou de linguagem telegráfica na escrita do poeta pode muito bem ser lido nos termos de Barthes quando este afirma que um fait-divers é uma notícia imanente, ou uma notícia-minuto, como os escritos do poeta-antropófago; recortes de cenas inusitadamente cotidianas que ilustram as páginas e alimentam a curiosidade dos olhos, sejam eles em testemunho ou de leitores.

O que deve ser levado em consideração nas colocações barthesianas em sua comparação com os ditos (mais que escritos) de Oswald de Andrade é a sua separação geográfica e de seus meios de produção, uma coisa é uma notícia esdrúxula em meio a um jornal francês, outra muito diferente é a inserção destas formas em produções poéticas que, por vezes, voltam-se a outras manifestações escritas e os devoram, gerando esta tessitura que compõe a nossa literatura³.

Não seria exagero dizer que a América Latina é um continente que apresenta uma maneira muito especial e profícua para proliferações destas notícias curiosas que operam como fragmentos, hipertextos que se manifestam numa cidade como São Paulo e que são dignos de

² A cidade de São Paulo tinha, na década de 1870, pouco mais de trinta e dois mil habitantes e passaria por um crescimento exponencial nas décadas subsequentes, mantendo traços provincianos que contrastam com o ar cosmopolita das grandes metrópoles até os dias de hoje (dados colhidos em: http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php, consultado em 15/04/2015).

³ O mesmo ocorre, por exemplo, com o “Poema tirado de uma notícia de jornal”, de Manuel Bandeira ou mesmo nas taciturnas crônicas de Dalton Trevisan.

figurar entre as grandiloquentes notas de que a imprensa se vê obrigada a noticiar⁴, testando aqui os limites da verossimilhança da realidade (conceito este que não cabe, aqui, como oposição ao ficcional). Como coloca Pinheiro (2013: 21): “O que deve ser ressaltado [*na América Latina*] é o fluxo encadeado do fragmentário múltiplo, não sintetizado nem disjunto, num *continuum*”. Desta maneira, o continente torna-se um lugar onde essas curiosidades midiáticas se tornam mais viáveis, tanto que exemplos literários se multiplicam.

Em **Ofício de cartógrafo**, Jesús Martín-Barbero postula que:

A forma que o jornal impõe ao *mundo* é a forma que o torna consumível: essa “marca de fábrica” com a qual a racionalidade lógica mercantil marca a produção e a circulação das notícias. Desde a sua origem, o dispositivo moderno da informação esteve conformado pela expansão do mercado, de tal maneira que o processo de *produção das notícias* – a transformação da notícia em produto industrial – se acha em relação indissolúvel com o processo de transformação em “notícia” de tudo aquilo que alimentava o *modelo industrial de produção*.

E acrescenta:

A relação vendedor-comprador, disfarçada de uma relação intersubjetiva entre emissor e receptor, mascara as relações sociais de produção que marcam o discurso da imprensa. Na *neutralidade* do processo informativo tal como o coloca o modelo liberal “o mercado aparece como uma realidade indeterminada, como condição da sociedade e não como produto de relações econômicas precisas. De igual maneira a comunicação de notícias, o mercado da informação se descreve como necessidade consubstancial de um homem a-histórico”. (2004: 77-9)⁵.

O que o autor colombiano imprime em seu pensamento é uma visão hegemônica, não da mídia, mas de suas veiculações, e o *fait-divers* é uma brecha nessa estruturalidade mais fechada que é o jornal (nos termos de Lótman, 1996), não estamos discutindo, aqui, uma relação entre meios dominantes e alternativos, mas da presença de elementos contra-hegemônicos que são engendrados nas próprias edificações midiáticas de maior circulação e, conseqüentemente, importância.

⁴ Este processo não se dá exclusivamente na mídia impressa, sendo comum ao jornal televisivo e, mormente, nas mídias digitais.

⁵ Os grifos do primeiro excerto são nossos.

É como se sua atuação, em meio ao jornal, agisse como algo que mina este status descrito por Martín-Barbero, as produções latino-americanas de notícias anômalas (por exemplo, a invasão do zoológico de São Paulo por bandos de urubus⁶) e sua repercussão ante o público, indo de encontro, ou sendo plenamente indiferentes, aos interesses liberais sobre os conteúdos veiculados no referido meio.

As mesmas relações heterogêneas presentes na edificação das cidades e de seus habitantes, bem como de seus romances e poemas presentificam-se nas mídias escritas. Neste ponto, as heterotopias confluentes em cidade e mídia se tornam abundantes, não constituindo epifenômenos que possam ser ignorados, uma vez que, como vimos, se dão em ambientes que tendem mais à variação do jornal do que suas próprias *obrigações* com a informação⁷.

Segundo as proposições de Barthes, vemos que não há uma constante na produção de um *fait-divers*, tratando-se, de fato, de algo estranho à mídia na qual está inserido. Na América Latina, isso se dá de maneira diferente, uma vez que, como foi dito anteriormente, estas formas estranhas à organização estão presentes em outras séries culturais, como na literatura. Ambas as linguagens se imbricam para qualificar o meio em que são produzidos⁸.

Posto isto, podemos considerar que o desenvolvimento do fato em si, seja ele literário ou jornalístico, pode vir da mesma matriz, tem sua materialidade no desenvolvimento da própria cidade e, mais que isso, reproduz casos ilustrativos à nossa própria vivência urbana. Contar o fato e dar materialidade a ele através de sua matriz impressa se torna, em si, uma operação tradutora das relações público leitor – mídia e habitante – cidade.

⁶ RODRIGUES, A. Urubus ‘invadem o zoológico de SP e disputam espaço com animais. *Folha de São Paulo*. Cotidiano, 16/04/2014.

⁷ É claro que, neste caso, a colocação de Jesús Martín-Barbero é preponderante, o jornal se vê altamente vinculado com interesses neoliberais pautados pelos padrões de consumo. Não se trata, apenas, de um veículo de notícias, mas sim de um produto a ser consumido.

⁸ Um texto atual que ilustra muito bem tais relações é o romance de Luís Ruffato, **Eles eram muitos cavalos**, no qual pequenas histórias, todas ocorridas na cidade de São Paulo, vão traçando um trajeto do próprio cotidiano urbano, sendo esse o principal personagem da obra do autor paulista.

2. Barroquismos

Sobre o barroco, Haroldo de Campos foi um de nossos principais teóricos a pensá-lo como uma manifestação artística decisiva em nossa formação literária, tanto no Brasil como em outras partes da América Latina⁹, sobretudo por se tratar, já no século XVII, de uma manifestação madura de nossa literatura. Pensemos, pois, em sua influência no que posteriormente se desenvolveu em nossas terras e não apenas no que tange nossa literatura. Deste nosso desenvolver passado do barroco, Gregório de Matos possui uma função central, cronista de seu tempo, o autor baiano incumbiu-se de, em seus melhores versos, contar a formação da então capital do Brasil. Se pensarmos em sua produção, constataremos que ela pode muito bem se aproximar dos artifícios oswaldianos em sua obra poética (sobretudo em **Pau Brasil**), no qual vemos a história da nação sendo contada a partir de pequenos causos.

Não temos como intuito listar uma lista de características tácitas das construções barroquizantes, mas sim de sua presença em nossa mídia impressa, no entanto, é importante retomarmos um conceito explorado por Boaventura de Sousa Santos, sobretudo no que tange sua relação organizacional combinatório, tão ternos às edificações barrocas; o autor afirma que elementos constituintes de nossas sociedades, em relação com *indústrias culturais* (nos termos empregados por ele), são “selectivamente recodificados e combinados na produção de novos produtos e serviços tão ancestrais ou genuínos quanto a última moda” (2006)¹⁰ e, trazendo isto a um presente, o autor afirma que:

Nos códigos barrocos de hoje, identifico [...] três temporalidades distintas. Antes de mais, existe o tempo *trompe-l’oeil* que, embora à primeira vista pareça de longa duração, esconde uma capacidade enorme de irrupção, de dar origem a novas emergências por vezes abruptas e sempre inesperadas. Em segundo lugar, existe o tempo do compasso irregular entre o emergir e o desaparecer de ritmos, um tempo de duração e de intervalos enigmáticos entre séries de duração. Este é o tempo da incerteza,

⁹ Conforme é tratado pelo autor em **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira**: o caso Gregório de Matos, no qual o tema do desenvolvimento do gênero literário, em especial, é tratado pelo autor. O tema é recorrente em outros ensaios do mesmo autor como em “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” e “Por uma poética sincrônica”. Ressalta-se que Oswald de Andrade foi um dos primeiros escritores brasileiros a exaltar a urgência de uma releitura do Boca do Inferno.

¹⁰ A mesma notação inscrita no poema “ovonovel”, de Augusto de Campos (2006).

da contingência e da descontinuidade. Por fim, existe o tempo que alterna entre o atraso e o avanço, um tempo de descontinuidade entre anacronismos e antecipações, um tempo de luta entre passado e futuro, pela conquista de espaço no presente. Nesta temporalidade o tempo é, assim, evanescente (2006:81).

Anacronismos, atemporalidades, descompassos, imanência dos códigos, dúvidas do ser-no-tempo, estas são as características presentes no barroco de nossos dias (que, por sua vez, não é tão diferente daquele deixado de herança por nossa literatura resistente e barroca até a atualidade). Formas crioulo-mestiças que se reproduzem à exaustão, das casas ao jornal. De acordo com o pensamento do sociólogo português, nunca nos libertamos de nossa herança barroca deixada pelo século XVII e que só se viu proliferar nas mais variadas mídias. O jornal, no entanto, se mostra tendencioso a isso desde sua popularização em fins do século XIX (e isso não ocorre apenas no Brasil, mas em todo o mundo, em função da difusão da prensa).

Se ignorarmos a imanência do *fait-divers*, como colocado anteriormente, podemos aproximá-lo, por exemplo, dos folhetins do gago Machado de Assis (colocado nestas palavras por Sílvio Romero *apud*. Campos, 2011) ou, melhor ainda, nas crônicas de Nelson Rodrigues, e que hoje estão presentes nas crônicas escritas ao jornal diariamente. Em realidade, o *fait-divers* pode muito bem se aproximar de tais construções literárias (impressas ou não nas folhas do jornal) pois coloca em cheque a dicotomia ficção-realidade, relação de abolição que cabe para muitas outras oposições binárias estipuladas por uma ciência centro-ocidental e que, no momento de serem analisadas na prática numa região como a América Latina, se mostram insuficientes ou inexistentes, como coloca Amálio Pinheiro, vivemos “Num continente em que o pensamento como crise é permanente não há separação possível, nem evolução retilínea, de um termo a outro. Nem a superação dos dois por um terceiro” (2013). Ou seja, não cabem em nossa gênese as separações estabelecidas pela ciência que acompanhou nossa colonização e que, mesmo assim, falhou ao impor suas relações classificadoras nos países em que se estabeleceram pós século XVI (e que, por vezes, falham até mesmo nos lugares onde foram criadas, o *fait-divers* atesta isto, uma vez que imprime no jornal a frágil relação entre real e ficcional).

Esse insucesso das ciências centro-ocidentais no continente latino-americano se dá por conta dessa capacidade de arregimentar os elementos citados por Boaventura de Sousa Santos, nossa relação difusa com as formas de olhar o passado e pensar o futuro, a capacidade de

acúmulo de certos elementos que se apresentam na arquitetura das cidades e dos jornais, dos poemas e das praças, dos grandes fatos políticos e das curiosidades que ilustram as mídias impressas.

Em função de tais injunções, vemos que tais fatos curiosos carecem, por vezes, de ilustrações que testificam sua veracidade. As inacreditáveis possibilidades de combinações estabelecem relações entre elementos inusitados e desconexos, criando, a partir disto, uma outra lógica. Jesus Martín-Barbero coloca que:

[...] O campo dos problemas de comunicação não pode ser delimitado desde a teoria, isto é, não pode sê-lo mais que a partir das práticas sociais de comunicação, e essas práticas na América Latina ultrapassam o que acontece nas mídias e se articulam a espaços e processos políticos, religiosos, artísticos etc. mediante os quais as classes populares exercem uma atividade de resistência e réplica.

[...] O resgate dos modos de réplica do dominado desloca o processo de decodificação do campo da comunicação, com seus canais, seus meios e suas mensagens, para o campo da cultura, ou melhor, dos conflitos articulados pela cultura, dos conflitos entre a cultura e a hegemonia. (2004: 126-7).

Desta maneira, evidenciam-se as já citadas tensões entre as funcionalistas ciências ocidentalizantes e sua falta de aplicabilidade em nossa América. Essa resistência do popular de Martín-Barbero não se trata, exclusivamente, de uma revolta popular, mas sim de uma maneira de destituição das questões funcionalistas da comunicação quando aplicadas à determinada cultura.

Como podemos ver, não se trata de uma estratégia midiática de expor nossa herança barroca-mestiça, como acontece na literatura, por exemplo (é claro que Oswald de Andrade e todos os demais autores tinham consciência de suas construções, mas não podemos afirmar o mesmo sobre as redações dos jornais), trata-se de algo que está além da consciência autoral de determinados jornalistas. Se pensarmos na separação entre centro e periferia proposta por Lotman (1996), veremos que, em função de nossa situação geográfica, não temos vias de escapar a essas relações que são dadas pelo meio, as vejamos ou não. Acontece que as edificações da cultura latino-americana nos impele para suas relações externalizantes, mestiças e caóticas.

3. Considerações finais

Em **Introdução a uma poética da diversidade**, Édouard Glissant explora diversos aspectos da riqueza contida na América Latina, ativemo-nos a uma conferência em especial: “O caos-mundo: por uma estética da relação”, onde o autor define seu título como:

[...] a definição ou a abordagem que proponho dessa noção de caos-mundo é bem precisa: trata-se da mistura cultural, que não se reduz simplesmente a um *melting pot*, graças à qual a totalidade-mundo hoje está realizada. Minha primeira apreciação sobre o caos-mundo será sobre o que poderíamos chamar de uma condição temporal da cultura, da relação entre as culturas.

Essas relações se tornam evidentes em um lugar no qual o colonizador chegou e já encontrou esta mesma pluralidade que pululava nos cruzamentos das primeiras noções estatais presentes na Europa (se pensarmos o reconhecimento de um Estado português, por exemplo, veremos que este é pouco mais de três séculos anterior à sua chegada às colônias ameríndias), logo, essa noção de caos-mundo coexiste desde a edificação e reconhecimento deste lugar, a América Latina, e que não demoraria em, apesar da mancha em nossa história em função dos três séculos de escravidão (e que ainda é reproduzida em outros moldes), ter grande contribuição, além da indígena, negra. Desta maneira, o lugar em que nos encontramos se mostra extremamente profícuo para este cruzamento caótico de ideias responsáveis pela edificação da nossa não menos caótica sociedade.

Por mais que queiramos nos aproximar, por vezes, de culturas distantes de nós, sempre operaremos através de releituras e traduções destas tradições centro-ocidentais (FLUSSER, 1998; SOUSA, 2006), uma vez que operamos em separações entre a aproximação destes pensamentos e de nossa defasagem técnica, que desemboca em uma edificação cultural que jamais poderia ser tal e qual aquela ocorrida na Europa. No que se aplica à nossa observação do *fait-divers*, partindo da descrição barthesiana (ainda que não levando a construção barroquizante em consideração), vemos que este viabiliza a inserção de todos os elementos barrocos-mestiços elencados anteriormente por diversos pensadores, não apenas em sua dupla articulação

sintagmática estranha, mas, além disso, de sua maneira de traduzir a vivência e as movências urbanas, de dar visibilidade e vida aos estranhos costumes urbanos.

Victor Marques é mestrando em comunicação e semiótica pela PUC-SP.
victor.o.c.marques@gmail.com.

Bibliografia

ANDRADE, O. **Pau Brasil**. São Paulo, Globo, 2003.

_____. **Memórias sentimentais de João Miramar/ Serafim Ponte Grande**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo, Perspectiva, 2009. Tradução de Leyla Perrone Moisés.

CAMPOS, H. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo, Perspectiva, 2010.

_____. **O Sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos**. São Paulo, Iluminuras, 2011.

FLUSSER, V. **Fenomenologia do brasileiro**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora, UFJF, 2013. Tradução de Enilce Rocha.

LOTMAN, I. **La Semiosfera: semiótica de la cultura y del texto (vol. 1)**. Madri, Frónesis, 1996. Tradução de Desidério Navarro.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo, Loyola, 2004. Tradução de Fidelina Gonzales.

PINHEIRO, A. **América Latina: Barroco, cidade, jornal**. São Paulo, Intermeios, 2013.

SANTOS, B. **A gramática do tempo**. São Paulo, Cortez, 2006.